



Gilberto Jasper

Sem talento não há solução

Sábado participei da sessão de autógrafos do livro “Crônicas para ler com calma – Volume 5”, uma coletânea com 13 escritores, da editora Escuna. Cada participante publicou três textos. É a terceira vez que participo do projeto, duas vezes como escritor e outra como redator do prefácio.

Para baratear o projeto não há venda em livrarias ou pela Internet. Todos os custos são rateados. No final do processo, cada um recebe 20 exemplares. Além disso, o total arrecadado no lançamento foi dividido entre todos.

Enquanto caprichava nas dedica-

tórias, observei meus parceiros de livro. A maioria são velhos companheiros, todos oriundos da lida jornalística. Muitos, depois, enveredaram pelos caminhos da assessoria de imprensa.

Depois dos autógrafos, alguns escritores permaneceram no Chalé da Praça XV, local do lançamento. Fiquei pensando nas profundas modificações ocorridas no processo de criação.

A inteligência artificial, o ChatGPT e outras tantas ferramentas tecnológicas, facilitam o cotidiano dos profissionais da palavra. Confesso que nunca usei estes artifícios, mas conheço

Jornalista
gilberto.jasper@gmail.com

muitos colegas de atividade, da mesma faixa etária – ou seja, sessentões ou mais – que usam com parcimônia.

“Uso a tecnologia desde sempre, mas não dispense o fator humano, as sensações, sentimentos e o ‘molho’ de caráter pessoal que emprego em meus textos”, segredou um jornalista com mais de 50 anos de experiência, o decano dos 13 jornalistas do livro, dos quais sete são mulheres.

Todo avanço é bem-vindo, até porque não existe solução quando não existe talento, dedicação e competência com as palavras.

Professora e escritora
professora.vier@gmail.com



Nana Vier

O que impede o Brasil de decolar?

O Brasil tem uma das agriculturas mais eficientes do planeta, reservas minerais estratégicas, água em abundância, florestas, indústria, um povo criativo, empreendedor e uma população jovem. Nossa gastronomia mistura culturas, nossa música atravessa fronteiras e nossa capacidade de encontrar soluções impressiona.

Sabemos que não nos faltam riquezas. Poucos países receberam tanto da natureza. E, ainda assim, seguimos discutindo problemas que nações muito menores já resolveram há décadas. Há anos convivemos com uma poli-

tica que não entrega o que promete. Um Estado pesado, caro, burocrático e, muitas vezes, distante de quem produz, trabalha e empreende.

Está na hora da virada. Mas essa virada não virá de discursos fáceis, nem de mais dependência do poder público. Virá quando decidirmos valorizar o mérito, proteger quem gera emprego, dar segurança jurídica, combater o desperdício e entender que desenvolvimento nasce de liberdade, responsabilidade e trabalho sério.

Nenhum país prospera apenas porque possui riquezas. Prosperam

aqueles que transformam recursos em instituições sólidas, educação de qualidade, estabilidade, produtividade e respeito às regras. O Brasil já provou inúmeras vezes que tem talento.

O que ainda nos falta é decidir, como sociedade, que excelência deve ser regra, e não exceção. A pergunta talvez nunca tenha sido por que o Brasil não pode ser uma potência. A verdadeira pergunta é: até quando aceitaremos viver abaixo do enorme potencial que já temos nas mãos? As eleições se aproximam e, definitivamente, está na hora de virar o jogo.

Publicitária
suzanakunz.1958@gmail.com



Suzana Kunz

O botão da TV

Em meio aos descampados da Maurício Cardoso, nosso vizinho instalou um aparelho de TV na sala de casa, quando, na nossa, ainda reinava absoluto o rádio. Não deu outra: minha irmã mais nova e eu passamos a nos acomodar, com as outras crianças da vizinhança, diante daquela caixa mágica que exibía desenhos animados. Para trocar entre as duas únicas emissoras, era preciso levantar, caminhar até o aparelho e girar um grande botão cilíndrico. O hábito foi tanto que os pais precisavam chamar várias vezes os filhos para a hora da janta, jus-

tamente quando começavam os Três Patetas. Imagino que tenha sido por isso que, algum tempo depois, um aparelho também ganhou lugar na sala da nossa casa.

Lembrando dessas cenas, penso nos meus contemporâneos quando os vejo hesitando diante de um simples cartão digital. Nem todos tivemos a sorte de exercer uma profissão que nos inserisse, aos poucos, no universo da tecnologia. Nossa geração analógica talvez tenha sido a que mais precisou se reinventar diante de mudanças cada vez mais rápidas.

Hoje somos uma geração inteira tentando encontrar seu lugar nesse mundo digital. Mas talvez essa seja justamente a nossa maior especialidade. No fundo, pode ser que a vida sempre seja sobre aprender a lidar com o novo. Um dia foi a televisão, depois o computador, agora a inteligência artificial. Mudam as ferramentas; permanece o desafio de não perder a curiosidade. Sempre haverá um botão novo para descobrir como funciona. E, depois do estranhamento inicial, quase sempre percebemos que somos mais adaptáveis do que imaginávamos.

Eu, fotógrafo

Envie sua fotografia (preferencialmente horizontal) para vidareal@gruposinos.com.br



Linda foto tirada na manhã de sábado, em Caçapava do Sul Nelson Reis Novo Hamburgo

Os artigos publicados nesta página são opiniões pessoais e de inteira responsabilidade de seus autores. Por razões de clareza ou espaço poderão ser publicados resumidamente, o tamanho é de até 1.600 caracteres com espaço. Artigos podem ser enviados para opiniao@gruposinos.com.br.



Jeronimo Bueno

Escritor e músico
jeronimobuenomusic@hotmail.com



De mãos vazias

Os vínculos estão cada vez mais fragmentados e a fissura entre os corpos é uma realidade paradoxal, a comunicação indireta nos impulsiona a dispersão entre seres humanos e o alinhamento com o “eu” mais agressivo, a solidão é um peso napoleônico que lutamos bravamente para evitar, não nos confortamos com a nossa própria companhia, e isso faz com que venhamos a interagir cada vez mais com máquinas.

A publicidade enfadonha, a dinastia vigente, a xenofobia exacerbada, a falta de alimentação com fonte nutritiva de cultura, todos esses fatores são preponderantes ao estado de espírito das pessoas. A civilização está doente e sob o dorso tropical paira uma tenebrosa neblina.

Estão trabalhando duro para nos impor uma realidade cada vez mais horrenda e maquinal, há

biólogos e químicos trabalhando nesse exato momento fórmulas para que seus aplicativos liberem cada vez mais endorfina e que lancem suas garras à mente sã de uma pequena criança com o cérebro em formação.

Os pais estão possibilitando um estado de terror narcótico aos seus filhos. Eles são dependentes de jogos digitais, de realidades paralelas. Muitas dessas crianças não conseguem criar um diálogo irrisório, o seu corpo treme incessantemente quando precisam se desvencilhar do aparelho nem que seja por alguns instantes.

Acredito que uma revolução de matriz humana ainda floresça na mente de alguns cidadãos ilustres dessa terra, mas as forças estão se esgotando. Talvez com as máquinas na frente, e o homem sempre atrás cambaleante.

Sandro Oliveira

Fisioterapeuta
tocoliveira1@hotmail.com



Doença de Parkinson

O tremor que hoje associamos à doença de Parkinson já era percebido pela humanidade há milhares de anos, muito antes de receber esse nome.

Na Antiguidade indiana, cerca de 1000 a.C., os tratados de medicina Ayurveda já traziam os registros mais antigos conhecidos. Eles descreviam uma condição chamada Kampavata, em que kampa significa tremor e vata refere-se ao elemento ar/movimento. O texto detalhava tremores, rigidez e lentidão e recomendava o uso das sementes da planta *Mucuna pruriens*, que hoje se sabe conter levodopa, a base do tratamento atual.

O Parkinson é o distúrbio neurológico degenerativo e progressivo mais rápido no mundo. É assustador receber o diagnóstico, considerando que não existe cura, o tratamento é paliativo e o futuro desconhecido.

Um artigo publicado na revista npj Parkinson's Disease, em 2024, relata um estudo feito na Escola de Medicina de Yale, nos EUA, no qual um grupo de 10 pacientes foi submetido a exercícios aeróbicos de alta intensidade, três vezes por semana, durante seis meses. Por meio de exames de ressonância magnética e tomografia por emissão de pósitrons (PET), ficou registrado que os exercícios não apenas retardaram o processo neurodegenerativo, mas contribuíam para o fortalecimento do sistema dopaminérgico.

A literatura relata que, antes dos primeiros sintomas, a doença já pode ter se iniciado há 20 anos. Assim, lutamos pela vida: o Parkinson pode dificultar os movimentos, mas não nos impede de melhorarmos o preparo físico para os esportes. Esse é o nosso desafio.